

Lusíada



Repositório das Universidades Lusíada

Universidades Lusíada

Manoel, Bernardo de Orey, 1969-

**Do abrigo à casa/templo : o "entre" enquanto
formulação arquitectónica**

<http://hdl.handle.net/11067/7693>

<https://doi.org/10.34628/jfyg-hn82>

Metadados

Data de Publicação	2024
Tipo	bookPart
Editora	Universidade Lusíada Editora
ISBN	978-898-640-249-2

Esta página foi gerada automaticamente em 2025-01-22T07:36:42Z com
informação proveniente do Repositório

Do Abrigo à Casa/Templo

– O “Entre” enquanto formulação arquitectónica

Bernardo Manoel

DOI: <https://doi.org/10.34628/jfyg-hn82>



Calapez, Pedro; Sem título, 2024.

“A nossa vida é isso: espera na certeza e na incerteza, expectativa continua. É lugar não da resolução, mas da vigilância; não do encontro, mas da confiança e da abertura; não da posse, mas do desejo; não do acabamento, mas da imperfeição; não da infalibilidade, mas da paixão.”¹

O Homem foi apropriando para si espaços naturais nos quais se sentia protegido. Protegido para olhar o Mundo porque, é através do espaço contido que o Mundo se funde em mim. Escolhia, enquanto ser nómada, na medida do espaço que conhecia caminhando, os seus sítios - espaços de vivência periódica e sazonal. Os caminhos, desenhados à escala desse percorrer, foram marcados à escala da paisagem por menires – elementos de uma geometria maior, marcadores de tempo pela sombra ondulante. A invenção do cromeleque materializa a necessidade de separar profano e sagrado – o dentro e o fora. O Homem conhece o Mundo enquanto corpo articulado de partes pela imposição de limites.

Com a chegada da sedentarização escolhe e funda lugares de estadia permanente. Funda o acto de se tapar e de se cobrir, vinculado à sensação do útero materno enquanto protecção primeira “porque enquanto seres sensíveis reportamos sempre a espaços que tão longinquamente evocam aqueles que conhecemos”². Encerra, num tempo novo, artificialmente, com técnicas que no tempo são cada vez mais elaboradas, fundando uma nova ordem. Vincula-se e manipula a matéria, constrói em complementaridade com a Natureza. Pertence ao Mundo e olha-o, agora, de dentro para fora articulando pensamentos – o espaço construído enquanto medida de reconhecimento do Mundo e o seu limite enquanto mediador.

Architektonia – Archi -força, origem, princípio e Tektonia- relação significativa construída

Conquista a noção de lugar, nessa escala de pertença próxima, relacionando escolhas criteriosas e sistemáticas, logo hierárquicas.

1 Mendonça, José Tolentino; O pequeno livro das grandes perguntas; Quetzal, Setembro 2017.

2 Pinto de Almeida, Bernardo; Nikias Skapinakis – Paisagens 2018-2020; Documenta; Galeria Fernando Santos, Junho 2020.

Constrói como expressão da tentativa de coesão e de equilíbrio. Resulta intencionalidade fundada na busca de sentido. Põe questões de densidade explícita para as quais não procura respostas finais – as relações que visa estabelecer ensinam-nos a dúvida enquanto matriz de pensamento arquitectónico – a pergunta não se resolve e, no tempo, estabelece-se o provisório como condição de crescimento na inquietação – ampliam-se as possibilidades de materialização aproximamo-nos do sentido.

Usa o tempo enquanto personagem da narrativa espacial, seja ela sagrada ou profana.

Na sagrada o Homem é convidado a uma mudança de posição, a uma adaptação – surge o templo. É o espaço delimitado do diálogo deslumbrado, um olhar tudo como se fosse a primeira vez. A busca da transcendência exige mãos dadas entre a paixão e a beleza. O conhecer estrutura-se como fundamento humano na medida em que é caminho para o seu desenvolvimento harmonioso. A transcendência faz aparecer no Homem o invisível. A cada momento tudo é transitório. A arquitectura sagrada é um espaço para a dialéctica entre o transitório e a permanência, entre a obra e o seu fundamento, entre o que se vê e o invisível.

Na profana constrói a casa – a casa que se mostra abrigo, refúgio diário do corpo, espaço da intimidade, de encontro de cada um consigo próprio e com os outros. Implantada na Natureza, nela somos confrontados com as condições da nossa (im)permanência. Nela somos um fragmento que procura o seu sentido no todo. Casa entendida como corpo; nada pode ser retirado, nada deve ser acrescentado; tudo está em função de tudo e cada parte é solidária com as restantes. Na casa a unidade é expressão de múltiplas possibilidades.

É necessária empatia para ouvir as vozes da arquitectura.
... texto com princípio ainda sem fim...